HISTÓRIAS DO COTIDIANO

MÁRIO HENRIQUE
RODRIQUES MAIOR

HISTÓRIAS DO COTIDIANO

1ª edição
São Paulo

EDITORA
Trevo

Agradeço a minha querida mãe, Adelaide.
Agradeço também a Paulo Antônio, Nayara, Layane,
Janaína, Iago e Marília.
Obrigado, de verdade!

Sumário

09 Não espere grandes mortes para os heróis
13 Atores vemos, costumes não sabemos
17 O importante é sair vivo
23 O último dia carregando uma máscara de chumbo
27 O cheiro do penúltimo ato
35 A entrevista da vítima da sociedade
51 O teclado da crueldade no reino da confusão
55 O silêncio caminha junto ao medo
61 Os lábios estão sempre nus
73 Sim, esta história é real
81 Batida da eterna solidão
89 A importância da seta
93 Um ônibus vazio na estação da informação
97 Tiro ao alvo na panela de pressão
105 Procura, vai e toma
109 O terror noturno e suas nuances
113 O sangue se confunde com a terra no chão do cerrado
117 A insegurança à mesa de jantar
125 Quem aguenta o peso da bigorna?
129 Não consigo chorar depois das 22h
135 Dor, pânico e glória no cubo da agonia

Não espere grandes mortes para os heróis

– Ele bebia cachaça todo dia. Até que falaram para ele tomar um copo de leite... bebeu e morreu três dias depois.

– E qual era o nome dele? – perguntou Carlos, rindo alto.

– Telefim.

– Telefilme? Que nome é esse?

– Telefim, cara. Não é Telefilme não.

– Não é possível.

– Esse garçom ainda tem que passar gripe espirrando do meu lado. Qual o motivo de alguém virar para a cara dos outros para espirrar? Odeio espirro!

– Ramon, você tem sérios problemas. De onde você tira essas histórias?

– Ué! Espirro transmite doença mesmo. Ainda mais em um bar lotado. Se a pessoa espirra num lugar que tem gente comendo... essa gente vai acabar comendo ou bebendo o que saiu do nariz da pessoa.

– Eco, Ramon! – disse Andréia.

– Não estou falando do espirro, idiota. Estou falando do cara do copo de leite. De onde você inventa essas histórias?

– Não invento nada. Essa história é verdade mesmo. Aconteceu lá no Rio de Janeiro. Acho que em Macaé.

– E história sua, ainda tem?

– Minha mesmo não, Déia. Pelo menos não histórias novas. Acho que vocês já sabem todas as antigas: festas, brigas, confusões... acabou tudo. Hoje me assusto até com peido alto.

– Você disse isso com certa tristeza viu, Ramon – falou Andréia após as risadas. – Você sente falta?

– Não é bem tristeza, é saudade. Sabe, eu lembro com felicidade dessas coisas por tudo ter terminado bem. Nunca me

machuquei seriamente, estou vivo e também nunca machuquei ninguém. Por isso, lembro com alegria dessas passagens da minha vida. E isso dá saudade. E a saudade, muitas vezes, é confundida com tristeza.

– Entendi. Mas você não me respondeu se sente falta...

– Sim. Sinto sim. Era outra época, outra vida. Eu era outra pessoa e sinto falta daquela juventude toda. De não ter ressacas homéricas, de aguentar mais tempo nas festas e de não ter que dar satisfação para outra pessoa que não fosse minha mãe. Mas faz parte. Não sei se vocês entendem.

– Eu entendo bem, Ramon – disse Andréia – Eu hoje tenho tudo o que sonhei quando era mais nova, sabe: um marido parceiro, um filho lindo, um trabalho estável... já estamos planejando o segundo menino. Mas, mesmo com tudo isso, vez ou outra, eu sinto falta de época de solteira. Dançar a noite toda... nossa! Bom demais.

– Também entendo – afirmou Carlos – Confesso que fico feliz ouvindo as histórias da molecada aproveitando a juventude. Fico lembrando e fantasiando as coisas que aconteceram na nossa época. Hoje minhas histórias talvez sejam melhores quando contadas do que quando as vivi.

– Carlão, eu acredito que quando você conta uma história ela já não é mais sua. Passa a ser do mundo, do universo. Qualquer história me deixa curioso. Acho que essa é a palavra: curioso. Algumas me deixam triste, outras me deixam feliz, outras me deixam muito pensativo, mas todas me fazem ter vontade de saber um pouco mais. Por isso eu gosto de contar esses casos. Sinto que mesmo que não tenham acontecido comigo, eles também são meus. Acabo me sentindo um participante.

– Muitas vezes também me sinto assim – completou Carlos.

– Além disso – continuou Ramon – Você disse mais uma verdade importante. Quando a gente lembra ou conta determinada história, há certa decoração que a faz parecer ser melhor ou pior do que realmente foi.

– Acho que o termo certo não é *melhor* ou *pior*, mas sim, intenso – completou Andréia – Quando a gente conta determinada história, pelo fato da pessoa que está ouvindo não ter passado por aquilo, queremos demonstrar a intensidade que foi viver aquela situação. Por isso acabamos incrementando um pouco mais; e quando determinada lembrança incomoda, acabamos dando menos valor do que ela realmente teve.

– É verdade – todos concordaram.

– Ramon, deixa eu te perguntar.

– Fala.

– E o Telefilme?

– Telefim, cara. Telefim.

– Sim, esse aí mesmo. Morreu por conta de algum processo alérgico?

– Nada. Bebeu demais, foi nadar e morreu afogado.

– Nossa! Por que a gente ainda ouve as suas histórias?

Atores vemos, costumes não sabemos

Após sete meses sem dar notícias, Yuri ligou:

– Oi, Paula. Tudo bem?

– Yuri? Caramba! O que aconteceu? Faz tanto tempo… nenhum dos nossos amigos sabia dizer se você estava vivo ou morto. E sua família se recusava a falar sobre. Você está bem?

– Está tudo maravilhoso. Desculpe pelo sumiço, mas tenho novidades. Tem como você reunir o pessoal para nos encontrarmos amanhã às 19h no Bar da Cida?

– Tem sim, mas... – Paula foi interrompida por Yuri.

– Nos vemos amanhã então, abraços.

Às 18h50 todos os amigos já estavam no bar: Rita, Maria Paula, Luciano, Breno, Fábio e Tarcísio.

A conversa entre eles mostrava que a ansiedade tomava conta. Afinal, todos estavam curiosos para saber o que havia acontecido com Yuri.

Em ponto, chegou ao bar uma figura que chamava atenção de longe. Cabelos raspados, barba bem-feita, perfume marcante – daqueles que se sente antes da pessoa entrar – um sorriso que podia ser visto até no escuro... e o corpo? Daqueles esculturais. Feito por mestres em Educação Física e doutores em Endocrinologia.

Cabeça erguida e caminhar firme. Aquele não poderia ser Yuri. Não o nosso Yuri, pensavam.

O silêncio tomou conta quando puxou uma cadeira dizendo que estava com saudade de todos. O silêncio se tornou perplexidade assim que Yuri, sem delongas, informou que fora convidado a participar de um filme. E não seria qualquer papel, ele seria uma das estrelas, um dos atores principais. Inclusive, mostrou fotos e vídeos do set de filmagem em que aparecia com artistas já consagrados.

O espanto geral logo se transformou em curiosidade e considerável dor de cotovelo. Apesar disso, a conversa foi regada a bom humor, elogios e bebidas. Yuri não bebia, mas, fazia todos rirem com suas histórias. Deixou muitas perguntas sem resposta, é verdade, mas, a essa altura, poucos se importavam com isso.

Pouco depois, Yuri disse ter outro compromisso importante, abraçou os amigos e foi embora.

Todos os demais permaneceram. Rita logo afirmou que aquele não era Yuri e que alguém havia assumido o lugar dele.

– Nossa, Rita, para que isso? Sempre falando besteira – disse Fábio.

– Tenho certeza que não é ele. Muita coisa mudou...

– As pessoas podem evoluir, Rita. Podem melhorar, sabia? Deixa de ser invejosa.

– Não é questão de inveja que, por sinal, todos temos. Entendo que algumas coisas podem mudar. O corpo, o sorriso, o jeito de andar, o perfume. Mas tem uma coisa que não muda assim tão rápido.

– O fato dele não beber? Também achei estranho.

– Nada disso, Breno.

– A segurança? – Paula questionou.

– Menos. Qualquer aula de teatro deixa uma pessoa mais segura. O que não muda mesmo é o bom humor.

– Como assim? – interrogou Fábio

– A pessoa pode até se tornar engraçada, mas ser bem-humorada e de bem com a vida do jeito que ele está agora? Não mesmo! Em sete meses uma pessoa não deixa de ser ranzinza e grosseira e passa a ser tão agradável... agradável e bem-humorada.

Fez-se o silêncio.

Tentaram argumentar com Rita, mas logo concordaram com ela. O humor torna a pessoa naturalmente agradável e, infelizmente, Yuri nunca foi assim.

No fim, chegaram à conclusão que ele foi substituído por outra pessoa, mas não se importaram muito, pois o novo Yuri era muito melhor e ainda conseguiria convites para todos assistirem à premiação do Sexy Hot.